

PRÉMIOS E GALARDÕES

Prémio Fluvial Jovem Cientista do Ano para investigador da Universidade de Lisboa

22/3/2017, 17:01

O investigador Bruno Martins Carreira, da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, venceu o 7.º Prémio Fluvial de Mora - Jovem Cientista do Ano, relativo a 2016, revelou hoje à agência Lusa fonte da organização.



MAFALDA LEITAO/LUSA

Autor

 Agência Lusa

Mais sobre

[NATUREZA](#) [PRÉMIOS E GALARDÕES](#) [UNIVERSIDADE DE LISBOA](#) [AMBIENTE](#) [CIÊNCIA](#) [SOCIEDADE](#) [UNIVERSIDADES](#) [EDUCAÇÃO](#)

O investigador Bruno Martins Carreira, da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, venceu o 7.º Prémio Fluvial de Mora – Jovem Cientista do Ano, relativo a 2016, revelou esta quarta-feira à agência Lusa fonte da organização.

O prémio, instituído pelo Fluvial de Mora, no distrito de Évora, distingue anualmente um aluno (de licenciatura, mestrado ou doutoramento) que publique, como primeiro autor e no ano do

concurso, um **artigo sobre conservação e biodiversidade de recursos aquáticos continentais (estuários e rios)**.

O vencedor desta 7.^a edição do concurso era aluno do doutoramento em Biologia da Universidade de Lisboa, quando se candidatou, e, agora, é aluno de pós-doutoramento e investigador do cE3c — Centro de Ecologia, Evolução e Alterações Ambientais, na mesma instituição. A bióloga responsável pelo Fluvial de Mora, Luísa Sousa, disse esta quarta-feira à Lusa que Bruno Carreira conquistou o galardão com o artigo científico “Warm vegetarians? Heat waves and diet shifts in tadpoles”, publicado na revista norte-americana Ecology e assinado por mais investigadores.

“O trabalho aborda os impactos das ondas de calor em anfíbios”, resumiu a bióloga, referindo que o investigador vai receber o prémio, no valor de 500 euros, na sexta-feira, no âmbito das comemorações do 10.^o aniversário do Fluvial.

Contactado esta esta quarta-feira pela Lusa, **Bruno Carreira disse estar “orgulhoso e feliz” pela distinção**, que constitui “um reconhecimento e apreciação do trabalho” que realizou, com outros investigadores, no âmbito do seu doutoramento. O estudo avaliou o possível impacto das ondas de calor, causadas pelas alterações climáticas, nas preferências alimentares de animais ectotérmicos, ou seja, de sangue frio.

Os investigadores do cE3c, em colaboração com a Universidade de Uppsala, na Suécia, analisaram a rã-de-focinho-pontiagudo, a rã ou rã-arborícola-europeia e a rã-meridional, três espécies de anfíbios existentes em Portugal, duas delas recolhidas em Grândola, no Alentejo, em charcos temporários mediterrânicos.



“ Tendo estudado quais as condições nos charcos e as temperaturas que aconteciam durante ondas de calor, pegámos em girinos dessas três espécies e, em laboratório, submetê-los a ondas de calor, para vermos como é que isso afetava a sua dieta alimentar”, explicou o investigador.

O “resultado mais importante”, destacou, foi o de terem verificado que, “durante as ondas de calor, estas espécies respondem com o aumento da sua assimilação de matéria vegetal”. O aumento da temperatura da água, precisou, leva a que estes anfíbios, que “são omnívoros, ou seja, alimentam-se de vegetação e de insetos subaquáticos”, adotem “uma dieta mais herbívora e mais vegetariana”.

“A importância disto é que, perante um cenário de aquecimento global, todos estes animais vão, gradualmente, tornar-se mais herbívoros, o que vai ter implicações sérias para os ecossistemas, porque vai provocar desequilíbrios e alterações na cadeia alimentar”, alertou.

Segundo Bruno Carreira, as razões que levam os animais a estas mudanças alimentares não foram analisadas e poderão motivar nova investigação, caso os investigadores consigam “aceder a financiamento”, mas a alteração na dieta, em função da temperatura da água, é uma “nova descoberta” e “um padrão nunca antes descrito”.

“Com este estudo, estamos nas três ou quatro equipas mundiais que, entre 2015 e 2016, verificaram este efeito, em distintos animais de sangue frio, e somos a primeira no mundo a descobrir que isto ocorre em vertebrados”, congratulou-se.

O artigo do vencedor do Prémio Jovem Cientista do Ano 2016 está disponível [aqui](#).

Agora que 2018 está a terminar...

...é bom recordar que há cinco anos ainda não havia Observador. Quando olhamos para o caminho que percorremos desde Maio de 2014 sabemos que ele não teria sido possível sem o que trouxemos de novo ao jornalismo português por não termos tido medo de ser diferentes para fazer a diferença, tal como não teria sido possível sem a nossa imensa comunidade de leitores. Todos os dias, 24 horas por dia.

É um caminho que queremos continuar a percorrer com independência e irreverência, um caminho que só podemos percorrer se contarmos com o apoio dos nossos leitores. As nossas receitas de publicidade são muito importantes, mas concorremos com gigantes mundiais. Não são esses gigantes que vos dão o jornalismo de que gostam e de que o país precisa – esse só pode ser produzido por equipas como a do Observador. Isso tem um preço, mas que é o preço da liberdade – da sua liberdade. E do seu gosto pela qualidade, daí o nosso programa de assinaturas Premium.

Está ainda a tempo de aproveitar a promoção de final de ano. **Não perca tempo – agora que 2018 está a terminar, seja também um Observador Premium.**

Assine já

PARTILHE

COMENTE



Seja o primeiro a comentar

SUGIRA